



CONTROLE INFORMACIONAL E VOLIÇÃO NO MUNDO MODERNO: COMO O COLETIVO PLANIFICADO INFERE NA LIBERDADE INDIVIDUAL

Luiz Henrique Mascarenhas Dalle¹, Cezar Dias Pereira de Souza², Luiz Carlos Pereira de Alemar Neto³, Leonardo Marcos Vidigal⁴, Nicolas Dobarro Cassemiro⁵

¹UFMG/Departamento de Filosofia/FAFICH, luiz.dalle@ufmg.br

²UFMG/Departamento de Filosofia/FAFICH, cezarsouza@ufmg.br

³UFMG/Departamento de Filosofia/FAFICH, lcalemar@ufmg.br

⁴UFMG/Departamento de Filosofia/FAFICH, lvidigal@ufmg.br

⁵UFMG/Departamento de Filosofia/FAFICH, nickdcassemiro@ufmg.br

Resumo: O presente artigo discute e conceitua a liberdade de pensamento e de escolha dentro da sociedade atual, destacando a influência da manipulação de informações em prol de interesses coletivos. Analisaremos a assimetria entre nossa impressão de escolha e quanto realmente somos livres, isto é, possuímos livre-arbítrio. Para tanto, utilizaremos o conceito de liberdade presente na escola analítica de pensamento.

Palavras-chave: Liberdade, pensamento, escolhas, sociedade.

1. Introdução:

A conceituação acerca da liberdade de pensamento e escolha dentro de uma sociedade monopolizada é assunto presente no debate sobre a realidade palpável de nossa experiência volitiva. Dentro deste cenário, questiona-se a real importância de nosso espírito motor nas implicações futuras do questionamento racional de uma ação. Nosso sentimento de voluntariedade perante nossas decisões cotidianas traz consigo um plano de fundo político-social que deve ser explorado.

O questionamento de nossa liberdade tem seus alicerces em grandes desafios apresentados pela manipulação da carga informacional com a qual temos contato em nossas vidas. Neste sentido, examinaremos os limites e a tangibilidade de nosso livre-arbítrio. É notável a disparidade entre nossa impressão sensível daquilo que



escolhemos e seu plano de fundo manipulável sem que tenhamos consciência.

A liberdade individual é, perante o sistema de informação adulterado pelas práticas de grandes veículos, dessensibilizada em prol de um coletivo amorfo, cuja única função é ser moldada de forma a corresponder com o mercado consumidor e os interesses da classe dominante. Assim, por sua deficiência substantiva, o consciente próprio é levado a um comedimento da expressão particular da vontade, de forma a congregar com uma massa pastoreada.

Com efeito, a definição de liberdade analítica é a escolhida para a interpretação de sua intrinsecidade, a fim de demonstrar a sua volatilidade e portanto, maleabilidade por meio do uso proposital da informação, psicologia, coletividade e exploração da vontade irrepreensível do ser.

2. Dos Fatos

O problema da liberdade perante uma carga informacional enviesada acentua o debate sobre até onde um plano de homogeneização cultural atenta contra o espírito individual do ser. Neste aspecto, discute-se se, perante grandes quantidades de propaganda destinada a orientar as vias de pensamento público, existe alguma forma de livre expressão. Utilizando-se da volição como combustível de definição do comportamento, aqueles que possuem interesse em moldar o convívio social em esfera político-econômica subvertem a capacidade de raciocínio empírico, atacando o que há de íntimo no âmago humano para desta vontade produzir uma alienação que visa tornar seus afetados massa consumidora e/ou ativista.

A liberdade, por sua vez, está diretamente relacionada ao conceito de livre-arbítrio. Isto porque o um depende direta e estritamente do outro. Para que haja liberdade, devemos ter, antes de mais nada, livre-arbítrio. Definimos isto, então, como a capacidade de escolher e controlar uma ação e ser moralmente responsável por ela



(List, 2020).

Explorando as proposições filosóficas do tema, é possível encontrar teóricos como Max Horkheimer e Theodor Adorno (2002, p. 94), cujas influências na Escola de Frankfurt professavam a redução do ser humano como um animal guiado apenas por seu sentimento de vontade e satisfação, assim gerando um mecanismo recompensador para aquele que concordasse com as vias estabelecidas. Tais vias, discorre-se, eram planificadas com o intuito de estabelecer revoluções culturais que, por sua vez, culminaram na substituição do sistema vigente. Os teóricos seguiam sua teoria de que, visando um novo status quo, precisa-se realçar o sentimento de base da população geral acerca do tema, muitas vezes por meio de vias informacionais produzidas especialmente para este fim.

Tornar o público comum em peões em um tabuleiro de xadrez é prática conhecida não só dos teóricos, mas também de romancistas. Como prática de revisão dos costumes, é destacável a escrita profética de Aldous Huxley, que em seu livro Admirável Mundo Novo (2014, p. 214), concentra as vias de manipulação governamental na sensação de prazer. Tomados pela volúpia do ser, seu público permanece inerte perante a modificação de seus arredores, tomando aquilo como natural e justo, à margem da centralização do poder que justificava aquilo.

Atualmente, nota-se tal comportamento nas propagandas de mercado consumidor, onde a população é dinheiro, e sua vontade é algo a ser explorado para fins de lucro e controle. Os meios de informação, neste contexto, são de suma importância, já que sua tarefa propagandista é o que possibilita a movimentação do pensamento público e do senso comum ao bel prazer daqueles que satisfazem-se com isto. É de se pensar que, neste cenário, pouco importa a intenção e sentimento de escolha do indivíduo, já que seu pensamento está muito provavelmente envolvido em costumes que lhe feriram a própria capacidade de reflexão independente.

O senso comum, inclusive, destaca-se por sua coerção orgânica, onde um coletivo

que concorda acerca de um tema inevitavelmente reprimirá qualquer um cujo discernimento o atrai para o lado oposto da manada. O conceito de liberdade em uma comunidade alienada pelos interesses de uma classe minoritária é, portanto, falacioso, o que não surpreendentemente vem a preocupar e nos faz questionar se, afinal, podemos nos considerar como pessoas livres e espontâneas, ou apenas produto daquilo que nos é oferecido diariamente.

3. Metodologia

O método adotado para a realização da pesquisa é o hipotético-dedutivo, que, segundo Lakatos/Marconi (1991, p. 65), consiste em:

[...] construção de conjecturas, que devem ser submetidas a testes, os mais diversos possíveis, à crítica intersubjetiva, ao controle mútuo pela discussão crítica, à publicidade crítica e ao confronto com os fatos, para ver quais as hipóteses que sobrevivem como mais aptas na luta pela vida, resistindo, portanto, às tentativas de refutação e falseamento.

Esse método, elaborado por Karl Popper (2001), tem o problema como o fato capaz de desencadear a pesquisa, toda investigação nasce a partir do surgimento de um problema. Com o surgimento do problema, é possível a partir de um conhecimento prévio, das experiências vividas, inferir uma hipótese como solução do problema. A terceira fase do método hipotético-dedutivo consiste em realizar tentativas de falseamento, isto é, a hipótese inicial é submetida a concepções divergentes. Ao final da pesquisa a hipótese inicial pode ser corroborada ou rejeitada. A técnica a ser utilizada será a pesquisa bibliográfica.

Embora Popper tenha formulado esse método com base nas teorias científicas, ela ainda pode ser utilizada na construção de ideias filosóficas, a exemplo da que se apresenta nesta pesquisa. Isto porque ambos envolvem um processo rigoroso de investigação e análise de premissas, condições que possibilitam alcançar a conclusão ansiada.



4. Conclusão

Diante das reflexões apresentadas, a liberdade de pensamento e de escolhas dentro da sociedade está sujeita a manipulações. Essa manipulação da informação aos interesses coletivos suprime a liberdade individual, as volições são completamente influenciadas pelo meio. O conteúdo que o indivíduo consome acaba por determinar o horizonte de perspectivas do ser diante do mundo. Quando esse conteúdo é disponibilizado segundo um viés, há restrição prática no universo de possibilidades de escolha do indivíduo.

No realismo capitalista o indivíduo é treinado para interpretar todos os estímulos segundo a lógica do mercado. O que é percebido diariamente pela maior parte dos humanos vivos atualmente costuma ser produto direto desse sistema de produção que impõe seu viés a todas as nossas atividades. Tal influência constante no cotidiano leva-nos a questionar sobre qual é o limite do nosso livre-arbítrio. A resposta, como vimos no artigo, é que o conceito de liberdade na conjuntura social que encontramos não existe: é meramente uma ilusão.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Enlightenment as Mass Deception. Dialectic of Enlightenment: Philosophical Fragments. Stanford: Stanford University Press, 2002.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. 9. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo Livros, 2014.

LAKATOS, Eva Marina; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do Trabalho Científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIST, Christian. Free will: real or illusion. The Philosopher, v. 108, n. 1, 2020.